

Solidão

Já se disse tudo o que havia para dizer sobre o assunto?

Mesmo assim falta dizer que a solidão é inerente à existência. Somos um ser inevitavelmente solitário. Não somos um ser solidário, talvez por isso sejamos apanhados pela solidão. Aliás, como em tudo, somos uma contradição geral. Gostamos do nosso espaço, mas temos dores enormes por estarmos sós.

A isso chamamos solidão. Há curas para a solidão. Bebidas, comprimidos, companhias de circunstância, gente que sabemos não nos querer nada de bom.

Temos medo da solidão porque ela nos lembra a morte. Pior ainda: a solidão lembra-nos o sofrimento que nos acompanha, quase sempre, no longo corredor, até à morte. A solidão aterroriza porque nos lembra a velhice, lembra-nos que aqueles que hoje ignoramos impondo-lhes internamentos forçados, aqueles cujos filhos há muito se foram e os não visitam, aqueles que engolem copos de lágrimas no seu sofrimento só, poderão ser um retrato antecipado de nós mesmos. Também sabemos como o tempo se precipita. A solidão é um estado duplo: já a sentimos e tememo-la, porque trememos quando pensamos que nos atacará. Situa-se no passado e no futuro, é um diluído envolvente. É triste e feroz. A tristeza, na sua forma geral, leva-nos a um estado de resignação; a solidão, tristeza-fera, transporta-nos ao pavor da sua inevitabilidade.